

As 'Tábuas dos Roteiros da Índia' de D. João de Castro da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: novos dados

The 'Charts of the Rutters of India' of D. João de Castro of the General Library of the University of Coimbra: new data

Roger Lee de Jesus¹

RESUMO

O presente artigo procura analisar um dos mais famosos códices da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: as "Tábuas dos Roteiros da Índia" de D. João de Castro. Não obstante a fama destes desenhos, nenhum estudo se debruçou sobre o códice em si, procurando avaliar a sua estrutura interna, o seu suporte e compreender a sua proveniência. Assim, este artigo pretende colmatar esta lacuna examinando cuidadosamente os fólios deste manuscrito quinhentista e apontando novas hipóteses quanto à sua origem, datação e percurso.

PALAVRAS-CHAVE

Barreiros, Gaspar, m. 1574; Castro, João de, 1500-1548; Roteiros; Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, manuscritos.

1 CHSC (UC); CHAM (FCSH-NOVA); <https://orcid.org/0000-0002-8560-4190>; rogerlee.pj@gmail.com

ABSTRACT

This article analyses one of the most famous codices of the General Library of the University of Coimbra: the 'Charts of the Rutters of India' of D. João de Castro. Despite the fame of these drawings, there is still a lack of information about the codex itself, its internal structure, material condition and provenance. Therefore, this article aims to provide a thorough evaluation of the folios of this 16th century manuscript, proposing new hypothesis about its origin, dating and whereabouts.

KEYWORDS

Castro, João de, 1500-1548; Rutters; Barreiros, Gaspar, d. 1574; General Library of the University of Coimbra, manuscripts.

À memória de Francisco Contente Domingues

O presente artigo é um estudo de caso do códice quinhentista conhecido como 'Tábuas dos Roteiros da Índia' de D. João de Castro, da secção dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Neste sentido, dividimos o texto em quatro partes. Na primeira enquadrámos as tábuas e os Roteiros na vida do seu autor, biografando o seu percurso e identificando os manuscritos que ainda se conservam destas obras. Na segunda debruçamo-nos sobre o códice coimbrão, avaliando o seu suporte, a sua estrutura interna e o seu conteúdo. De seguida, procuramos perceber qual a difusão deste códice e como veio a ser conhecido, já nos séculos XIX e XX. Por fim, identificamos o seu antigo possuidor e sugerimos algumas hipóteses quanto à sua história custodial.

D. João de Castro e os seus Roteiros

A figura de D. João de Castro é uma das mais marcantes da história da expansão portuguesa no século XVI². É frequentemente retratado

2 A maioria dos dados compulsados neste artigo são fruto da nossa tese de doutoramento, para a qual remetemos – *A Governação do "Estado da Índia" por D. João*

com um verdadeiro humanista, que soube conjugar os saberes da guerra e da governança com a curiosidade científica, reforçando a ideia da primazia da 'experiência' sobre o conhecimento dos Antigos. Para compreendermos a sua obra é necessário biografar, mesmo que sucintamente, o seu percurso³. D. João de Castro terá nascido no ano de 1500, no seio de família nobre relevante na corte de D. Manuel I. Nada se sabe sobre a sua infância, a adolescência e a educação que recebeu nas primeiras décadas desse século. Terá iniciado a sua carreira militar em Tânger, por volta de 1518, tendo adquirido o seu conhecimento bélico no Norte de África nos anos seguintes. Serviu em múltiplas armadas de defesa da costa e ficou famoso enquanto governador do "Estado da Índia" entre 1545 e 1548. Nesse período ficou conhecido pelo seu envolvimento na defesa de Diu, aquando do seu segundo cerco, em 1546. Viria a ser reconduzido no cargo com o título de vice-rei, que não chegou a exercer formalmente, visto que faleceria a 6 de junho de 1548, poucos dias depois da chegada da notícia.

Na sua primeira viagem à Ásia, em 1538, capitaneando a nau Grifo, escreveu o seu primeiro roteiro náutico, *de Lisboa a Goa*. Nesse mesmo ano iniciou um segundo roteiro, *de Goa a Diu*, aquando da armada de socorro àquela fortaleza portuguesa, então sitiada por uma coligação guzerate-otomana. Um terceiro roteiro, dito *do Mar Roxo* ou *de Goa ao Suez*, foi escrito em 1540-1541, narrando a expedição de D. Estêvão da Gama no Mar Vermelho. Qualquer uma destas obras foi amplamente conhecida nesta época, circulando, como veremos, em diversas cópias

de Castro (1545-1548) na Estratégia Imperial de D. João III. Coimbra: tese de doutoramento apresentada à FLUC, 2021.

3 Sobre o percurso biográfico de D. João de Castro destacaremos apenas algumas obras genéricas, suficientes para esclarecer os pontos aqui referenciados: Elaine Sanceau – *D. João de Castro*. Porto: Livraria Civilização, 1942; Jean Baptiste Aquarone – *D. João de Castro, gouverneur et vice-roi des Indes orientales, 1500-1548: contribution à l'histoire de la domination portugaise en Asie et à l'étude de l'astronautique, de la géographie et de l'humanisme au XVIe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968, 2 vols; José Manuel Garcia – *D. João de Castro: um homem de guerra e ciência*. In Francisco Faria Paulino (coord.) – *Tapeçarias de D. João de Castro*. Lisboa: MNAA/CNCDP, 1995, pp. 13-48.

manuscritas. Estes roteiros configuravam, na realidade, diários de navegação completos, assinalando a rota tomada, as operações empreendidas pelo navio, bem como os fenómenos atmosféricos observados, tendo sido já objeto de variados estudos⁴. Ganharam particular interesse por incluir desenhos esboçados por Castro – as ditas *tábuas*, retratando vistas de terra, planos hidrográficos e contornos das costas narrados nos roteiros, passíveis de acompanhar o texto através de letras colocados nos esboços – 15 tábuas no *Roteiro de Goa e Diu* e 16 no *Roteiro do Mar Roxo*. Note-se que é também atribuído a Castro a autoria de um *Tratado da Esfera* e um breve texto intitulado *Da Geografia por modo de diálogo*, sem datação certa, mas escritos talvez antes da sua primeira viagem ao Índico e cuja autoria ainda levanta algumas dúvidas⁵. Saliente-se, no entanto, que mesmo durante o seu governo, este fidalgo continuava a mostrar um interesse nos assuntos náuticos, nomeadamente sondando barras (tomando a profundidade de portos) e tirando apontamentos.

A sua faceta militar e governativa, ampliada através das crónicas dos séculos XVI e XVII, veio em boa verdade ofuscar os roteiros e a veia científica de Castro. Apenas no século XIX é que a perspetiva historiográfica sobre este fidalgo viria ser alterada, tendo por base a publicação dos seus roteiros. Em 1833 era editado, em Paris, o *Roteiro do Mar Roxo*⁶, seguido dez anos depois do *Roteiro de Goa a*

4 A título de exemplo: José Manuel Malhão Pereira – *Roteiros Portugueses, séculos XVI a XVIII*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017. Tese de doutoramento, pp. 61-62 e 246-248, e Rui Loureiro - Echoes from Antiquity in D. João de Castro's Maritime Rutters, *Res Antiquitatis*, 2ª serie, 2, 2020, pp. 84-103.

5 Longe de sermos exaustivos, da vasta bibliografia existente sobre a vertente científica de D. João de Castro salientamos os seguintes: Luís de Albuquerque – D. João de Castro – Os Descobrimentos e o progresso científico em Portugal no século XVI. *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, N.º 1, 1966, pp. 92-108; R. Hooykaas – Science in “Manueline style”. In Armando Cortesão e Luís de Albuquerque – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1976, vol. 4, pp. 231-426; Onésimo Teotónio de Almeida – O moderno D. João de Castro. In *O Século dos Prodígios. A Ciência no Portugal da Expansão*. Lisboa: Quetzal, 2018, pp. 183-207.

6 Antonio Nunes de Carvalho (ed.) – *Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portugueses no anno de 1541, partindo da nobre cidade de Goa atee Soez [...] por*

*Diu*⁷. Já o *Roteiro de Lisboa a Goa* sairia dos prelos somente em 1882⁸. A partir desse momento, D. João de Castro passou a ser conhecido e estudado pela sua obra científica⁹.

Acerca dos manuscritos conhecidos dos Roteiros, é necessário referir que nenhum deles é um original, isto é, saído do punho de Castro, fruto natural da voragem do tempo¹⁰. A mais antiga cópia do *Roteiro de Lisboa a Goa* pertenceu ao Cardeal infante D. Henrique (1512-1580) e foi entregue ao Colégio do Espírito Santo de Évora antes da sua subida ao trono, em 1578, conforme atestado por uma nota no alto do primeiro fólio¹¹. Guarda-se hoje na Biblioteca Pública de Évora, juntamente com uma cópia coeva desse mesmo manuscrito, realizada posteriormente, e que colmata a falta do prólogo do primeiro manuscrito.

A história relativa aos manuscritos dos outros dois roteiros é mais complexa. Tem-se defendido que o manuscrito original do texto do *Roteiro de Goa a Diu*, autógrafo de D. João de Castro, tenha sido aquele que Diogo Köpke publicou em 1843, que estivera anteriormente na posse do primeiro Conde da Barca e que se encontra desaparecido.

Dom Ioam de Castro. Paris: vende-se em casa de Baudry e Theoph. Barrois, 1833. A transcrição original de Nunes de Carvalho encontra-se na Biblioteca Nacional (Lisboa), Cod. 6649.

7 Diogo Köpke (ed.) – *Primeiro roteiro da costa da Índia desde Goa até Dio [...] por Dom João de Castro*. Porto: Typ. Commercial Portuense, 1843.

8 João de Andrade Corvo (ed.) – *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro*. Lisboa: por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1882.

9 A edição de referência dos *Roteiros* é a de Armando Cortesão e Luís de Albuquerque – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1972, vols. 1 e 2. Doravante abreviaremos esta obra por *OCDJC*, seguido do respetivo volume e página.

10 Sobre as cópias manuscritas dos Roteiros seguimos de perto Armando Cortesão – *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (contribuição para um estudo completo)*. Lisboa: Seara Nova, 1935, vol. 2, pp. 177-192; e o mesmo autor com Avelino Teixeira da Mota – *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, vol. 1, pp. 133-144, obra adianta abreviada por *PMC*; e José Manuel Garcia – *A Historiografia Portuguesa dos Descobrimentos e da Expansão (séculos XV a XVII). Autores, obras e especializações memoriais*. Porto: tese de doutoramento apresentada à FLUP, 2006, vol. 1, pp. 104-106.

11 Biblioteca Pública de Évora, Cod. CXV 1/24.

Acredita-se que este manuscrito pertencera, no final do século XVIII, a Frei Manuel de Cenáculo¹², desconhecendo-se como terá ido parar do Alentejo ao Minho. Várias cópias derivaram do manuscrito original nos séculos seguintes – quase todas sem valor textual, por distorcerem ou omitirem partes. Salientamos apenas duas delas por incluírem as tábuas: uma realizada ainda no século XVI, antes de 1588, existente na Coleção de São Vicente do Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹³; e outra realizada no início do século XVII, tendo pertencido à Biblioteca dos Condes de Castelo Melhor, estando atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal¹⁴. Paralelamente existem duas compilações das quinze tábuas deste roteiro: uma na Biblioteca Nacional da Áustria¹⁵ e outra em Coimbra, assunto central deste artigo. Entre estas, a compilação de Viena (divulgada a partir de 1971¹⁶) é, sem dúvida, a melhor cópia existente das tábuas deste *Roteiro*, do ponto de vista estético, apresentando desenhos ricos no material utilizado (vislumbrando-se o uso de ouro) e nos detalhes que mais nenhuma das outras cópias possui.

Note-se, todavia, que quer as tábuas do manuscrito desaparecido de Köpke, quer as de Viena, demonstram ser da segunda metade do século XVI, facto esse depreendido da representação, em pormenor, de um homem de barba na popa do navio (veja-se a figura 1), aparentando estar coroadado de louro, que se crê ser o próprio D. João

12 J.H. da Cunha Rivara – Roteiro da viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi à Índia no anno de 1538. *O Panorama: jornal litterário e instructivo*, serie 2, vol. 2, N.º 67, 8 de abril 1843, pp. 110-111; veja-se o excerto do diário do Cenáculo em Francisco António Lourenço Vaz (coord.) – *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2009, p. 570.

13 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa) [ANTT], *Colecção São Vicente*, Livro 15, fls. 180-248. A data limite para esta cópia é baseada num apontamento, datado de 22-V-1588 no verso da tábuca de Chaul (fl. 210v). Sobre a qualidade desta cópia, vejam-se as considerações tecidas por Cortesão nas obras referidas na nota 10.

14 Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa) [BNP], Cod. 8033.

15 Österreichische Nationalbibliothek (Viena), Cod. Min. 41*.

16 Armando Cortesão e Luís de Albuquerque reproduziram todas as tábuas na edição crítica deste *Roteiro* (*OCDJC*, 2), mas em tamanho demasiado reduzido para se conseguir avaliar a qualidade do manuscrito.

de Castro. Tal reflete a imagem consagrada deste fidalgo depois da entrada triunfal em Goa que a Câmara organizou em sua honra e dos soldados vitoriosos do segundo cerco de Diu, em 1547, e popularizada depois da sua morte¹⁷. A confirmar-se tal representação no manuscrito de Köpke, dificilmente poderá então tratar-se do manuscrito original, do punho de Castro, mas sim a cópia posterior.

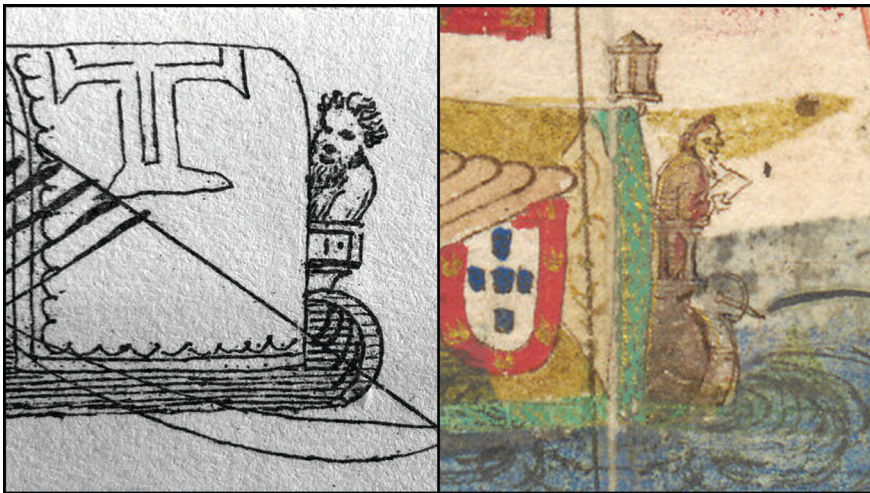


Figura 1

D. João de Castro representado no seu *Roteiro de Goa a Diu*

Fonte: Diogo Köpke (ed.) – *Primeiro roteiro...*, cit., Tábuas da Enseada de Pero Soares; Österreichische Nationalbibliothek (Viena), Cod. Min. 41*, Tábuas da terra entre Danda e Chaul.

Do *Roteiro do Mar Roxo* preservam-se duas cópias quinhentistas. A mais antiga está datada de 1543 (a única realizada em vida de Castro) e assinada por Gaspar Luís. O copista era, naquele período, escudeiro da Casa do infante D. Luís (1506-1555), o que poderá levar a crer que o manuscrito pertencera a este príncipe¹⁸. O manuscrito

17 É possível vislumbrar a representação de um homem, com feições parecidas, nas seguintes tábuas e manuscritos: Ceitapor - cópia da Torre do Tombo, Köpke e Viena; Enseada de Pero Soares - cópia de Köpke; terra entre Danda e Chaul: cópia de Köpke e Viena.

18 Veja-se a lista de moradias do infante D. Luís: ANTT, *Casa Real (CR)*, Núcleo Antigo, liv. 180, fl. 25. Agradecemos a Hélder Carvalho a partilha desta informação. Note-se que Gaspar Luís fora anteriormente membro da Casa do infante D. Henrique.

transitou para Londres no final desse século, sendo adquirido por 60 libras por Walter Raleigh (c. 1552-1618), famoso fidalgo e explorador inglês, ao serviço da rainha Isabel¹⁹. Este terá emprestado o manuscrito a Robert Cotton (1571-1631), célebre antiquário da época, motivo pelo qual se encontra atualmente na sua coleção, na British Library²⁰. O motivo pelo qual o manuscrito foi parar à capital inglesa é desconhecido, mas uma forte hipótese poderá passar por D. António, o Prior do Crato (1531-1595), filho natural de D. Luís e que herdou parte dos seus bens. Durante o seu exílio, enquanto reclamava a Coroa portuguesa contra Filipe II, conheceu Raleigh e poderá ter vendido o códice ou ter-se separado do mesmo em Londres, tendo sido posteriormente adquirido pelo fidalgo inglês. Esta é uma hipótese a explorar, conforme as relações documentadas entre D. António e Raleigh²¹. Em todo o caso, foi a partir desta cópia que Samuel Purchas (c. 1577-1626) publicou a versão inglesa do roteiro, em 1625, tendo posteriormente sido traduzido para latim, neerlandês e francês nos séculos seguintes. O manuscrito viu-se parcialmente destruído durante um incêndio no século XVIII, que deflagrou na coleção inglesa, conforme se encontra documentado e se pode observar na edição

19 O percurso do manuscrito é descrito aquando da sua publicação em inglês, em 1625: Samuel Purchas – *His Pilgrimes in five books*. London: Printed by William Stansby, 1625, Second Part, p. 1122. Contudo, já antes Raleigh menciona o texto de Castro na sua obra: Walter Raleigh – *The Historie of the World in five books*. London: Printed for Walter Burre, 1614, cap. 3, § 8, p. 261.

20 British Library (Londres), Cartographic Items Cotton MS. Tiberius d.IX. Sobre o empréstimo do manuscrito a Cotton, cf. Carlo M. Bajetta – Elizabeth I and Sir Walter Raleigh's Classics: The Case of Sophocles. In Silvia Bigliuzzi (ed) – *'Oedipus at Colonus and King Lear: Classical and Early Modern Intersections'*, SKENÈ. *Journal of Theatre and Drama Studies - Studies I*, N.º 2, 2019, p. 73.

21 João Pedro Vaz dá conta que uma das expedições sancionadas pelo Prior do Crato, durante o seu exílio, dando carta de marca ao Conde de Cumberland, teve a participação de Raleigh, o que poderá indicar uma relação entre ambas as personalidades: *Campanhas do Prior do Crato, 1580-1589: entre reis e corsários pelo trono de Portugal*. Lisboa: Tribuna da História, 2005, p. 92. Infelizmente carecemos de um estudo renovado e aprofundado dos contactos estabelecidos por D. António no seu exílio.

fac-similada publicada por Luís de Albuquerque, em 1991²². A outra cópia coeva do manuscrito original pertenceu aos herdeiros de D. João de Castro, que o venderam a Francis Cook (1817-1901). Depois de várias andanças, o mesmo foi adquirido, em 1955, pela Universidade do Minnesota (EUA), para a James Ford Bell Library, onde ainda se conserva²³. Uma legenda da tábuas das 'Portas do Estreito' revela que não será posterior a 1582, e Luís de Albuquerque concluiu que o texto fora anotado por um neto de Castro, Frei Fernando de Castro, frade dominicano, com vista à publicação dos Roteiros, que nunca chegou a acontecer²⁴. À semelhança do *Roteiro de Goa a Diu*, existe uma cópia do século XVII, realizada pela mesma mão do Códice 8033 da Biblioteca Nacional e que também esteve na posse dos Condes de Castelo Melhor, passando posteriormente para a Biblioteca dos Duques de Palmela e hoje em paradeiro desconhecido. Por sua vez, quinze tábuas deste roteiro existem no códice da Universidade de Coimbra e sete delas foram copiadas (provavelmente no século XVII), com legendas em latim, estando na coleção de cartografia de D'Anville da Bibliothèque Nationale de France, incluindo uma tábuas que não existe em nenhuma das outras cópias conhecidas – o retrato da costa de Adem a Moca²⁵.

22 Luís de Albuquerque – *Roteiro do Mar Roxo de Dom João de Castro*. Lisboa: INAPA, 1991. Note-se que a Biblioteca do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra conserva uma reprodução fotográfica dos manuscritos da British Library e da James Ford Bell Library, proveniente da antiga biblioteca do Centro de Estudos de Cartografia Antiga (catálogo atualmente como Fundo História da Náutica), coordenado por Luís de Albuquerque e certamente usada por este nos seus estudos dos roteiros.

23 James Ford Bell Library (University of Minnesota), TC Andersen Library, Bell 1541 fCa. O códice é acompanhado de um estudo dactilografado inédito que nos foi facultado pela Dra. Marguerite Ragnow, responsável da dita Biblioteca e a quem agradecemos: Francis Millet Rogers – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*. Cambridge, Mass., 1953. A reprodução digital, em alta qualidade, do manuscrito foi recentemente (janeiro 2021) disponibilizada gratuitamente no site da referida biblioteca norte-americana.

24 Luís de Albuquerque – *Roteiro do Mar Roxo...*, cit., p. 3.

25 Bibliothèque nationale de France (Paris), département Cartes et plans, GE DD-2987.

Frisemos novamente que nenhuma das cópias atualmente existente, quer no que diz respeito ao texto, quer relativamente às tábuas, é da pena do próprio D. João de Castro. Apesar desta multitude de cópias, o núcleo central dos textos manteve-se inalterado, conforme se comprova pela análise comparada destes. Tal também aconteceu com as tábuas que acompanham os Roteiros: apesar de cada cópia ter as suas particularidades, os desenhos mantêm a sua inteligibilidade e a sua função de acompanhamento do texto.

As Tábuas de Coimbra

O manuscrito aqui em estudo, em bom estado de conservação, é um códice do século XVI, à guarda da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, na secção de Reservados, com a cota Cofre 33²⁶. É composto por 59 fólios, de papel grosso (dito almaço), que incluem 14 tábuas referentes ao *Roteiro de Goa a Diu* (1538-1539) e 15 ao *Roteiro de Goa ao Suez* (1540-1541). O seu único título encontra-se gravado, a ferros, na lombada da encadernação em pele (não datada): «TAVOAS DOS LVGARES DA COSTA DA INDIA».

Pelas características da encadernação (tal como a nervura, de origem animal), esta deverá ter sido executada antes do século XIX²⁷, tendo sido intervencionado já depois de 1988. Esta última intervenção comprova-se por dois elementos presentes na edição fac-similada publicada nesse ano: em primeiro lugar, a inserção de uma folha

26 O mesmo foi publicado, em versão fac-similada, por Luís de Albuquerque – *Tábua dos Roteiros da Índia de D. João de Castro. Códice 33 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Lisboa: INAPA, 1988, e encontra-se disponível para consulta online: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg1/UCBG-Cofre-33/UCBG-Cofre-33_item1. Todas as referências seguintes ao códice remetem para a respetiva cota do manuscrito.

27 A avaliação da encadernação (capas, cadernos, lombada, decorações) foi feita pela Dra. Maria do Céu Ferreira, técnica de conservação e restauro independente, a pedido da Dra. Maria José Silva Pereira, técnica da Biblioteca Geral. Contudo, só um estudo laboratorial permitirá datar com maior rigor a encadernação.

de contraguarda nova, vislumbrando-se a original debaixo da atual (figura 2); em segundo pela própria listagem e descrição das tábuas pelo Prof. Luís de Albuquerque, cuja paginação indicada difere dois fólhos a mais daquela hoje existente, o que revela que foram removidas dois fólhos iniciais em branco²⁸.

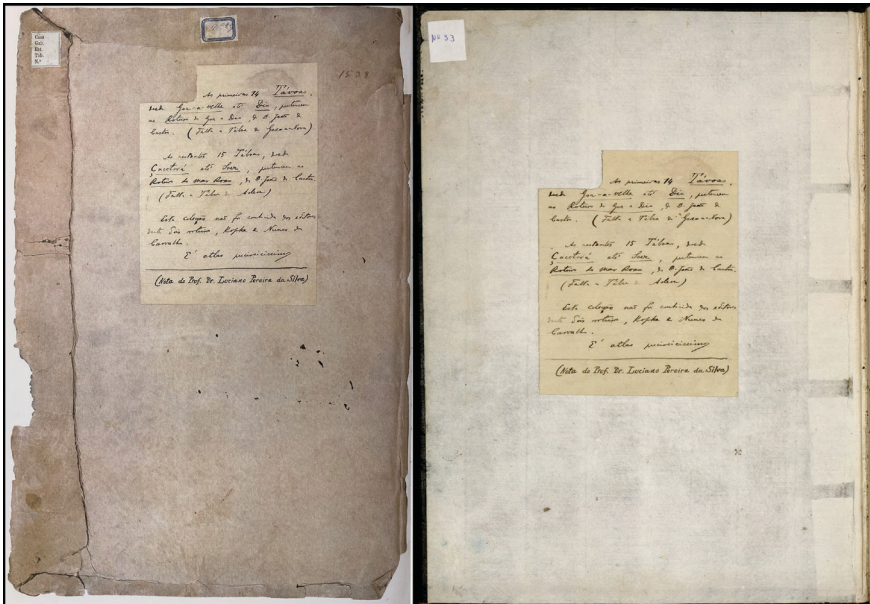


Figura 2

Comparação da contraguarda do códice antes e depois do restauro de c. 1988. Fonte: Luís de Albuquerque – *Tábua dos Roteiros da Índia*, cit.; BGUC, Cofre 33.

O códice mede aproximadamente 430x280mm, tendo sido aparado nas margens depois das tábuas terem sido concluídas,

28 Na introdução da edição fac-similada, Luís de Albuquerque indica que não foram reproduzidos os fólhos em branco, nomeadamente os fls. 1-4; ora a atual estrutura do códice só tem dois fólhos em branco antes da primeira tábuas, o que leva a concluir que foram aí removidos os fólhos. Veja-se que também Armando Cortesão, em 1935, informava que existiam quatro fólhos em branco antes do início das tábuas – *Cartografia e Cartógrafos...*, cit., p. 180. O restauro posterior a 1988 é confirmado por Aníbal Pinto de Castro, numa breve descrição do códice: José Francisco de Faria Costa e Maria Helena Da Cruz Coelho (coord.) – *A Universidade de Coimbra. O tangível e o intangível*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 94.

como se percebe pelo corte irregular de alguns fólios e pela amputação de algumas rosas dos ventos (exemplificado na figura 3). À exceção das tábuas de Socotorá (fls. 31v-32r) e da Aguada do Xequê (33v-34r), todas as tábuas ocupam um único fólio (indiferenciadamente reto ou verso). No caso da panorâmica sobre Socotorá, os dois fólios foram cortados, na sua metade inferior, e apenas as novas metades de folhas, deixando visível o lugar da colagem, cortando até parte das marcas de água de cada fólio.



Figura 3
Corte irregular do fólio da tábua do Rio de Betele, eliminando parte da rosa dos ventos. Fonte: BGUC, Cofre 33, fls. 25v.

Trata-se de um in-fólio (como se nota na posição das marcas de água), mas a encadernação não deixa transparecer a organização dos cadernos, vislumbrando-se apenas que alguns fólios foram colados aquando de uma eventual tentativa de restauro do manuscrito²⁹, conforme se vê na figura seguinte.

²⁹ É o caso dos fólios 2-4, 45-46 e 56-57.

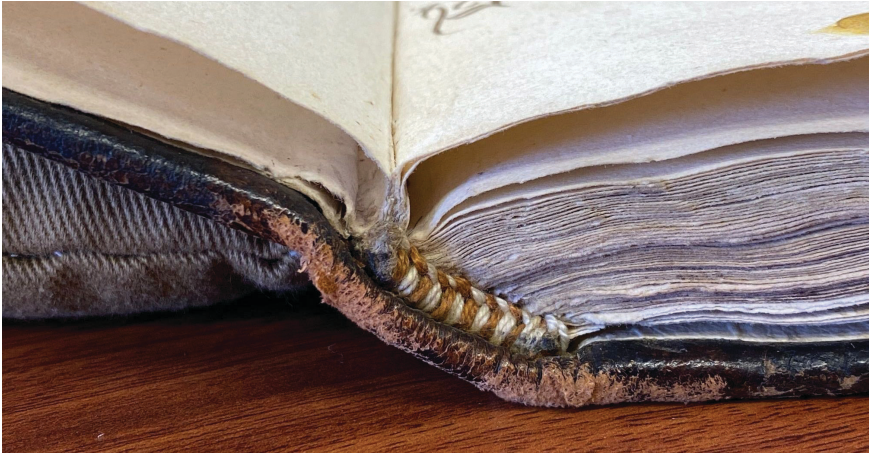


Figura 4
Conjunto de três fólios colados. Fonte: BGUC, Cofre 33, fls. 2-4.

Uma reencadernação do manuscrito poderá explicar a desordem das tábuas do primeiro *Roteiro*, visto que não seguem a ordem do texto, conforme se poderá aferir no Quadro 1, em anexo. Os desenhos aguarelados ainda mantêm, em alguns casos, os riscos a lápis que serviram de regragem para o respetivo nome das tábuas (figura 5) – o único dos manuscritos dos roteiros que mantêm este elemento de preparação do desenho.

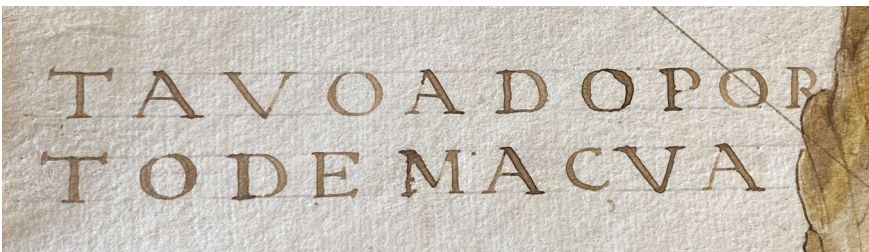


Figura 5
Legenda de uma das tábuas com a regragem a lápis. Fonte: BGUC, Cofre 33, fl. 40r.

O códice possui várias foliações, todas elas a lápis, que apresentam uma letra mais recente, podendo datar já do séc. XX. A de maior destaque e mais antiga, encontra-se no canto superior direito, no reto, continua-

mente desde o fólho 3 ao 58, começando no número 8 e terminando no 63, o que confirma, mais uma vez, que várias páginas foram removidas no início, e não apenas na última reencadernação. O verso dos fólhos possui uma numeração descontínua, no canto superior esquerdo, que corresponde à atual paginação do manuscrito, mas somente surgindo dezoito vezes ao longo das folhas³⁰. Existe ainda uma terceira numeração, no canto inferior esquerdo, no reto, por vezes já desaparecida, e que, divergindo dois fólhos a mais da numeração atual, remete para a paginação, ainda existente aquando da edição fac-similada³¹. Paralelamente, algumas das tábuas do *Roteiro de Goa a Suez* estão também elas numeradas (por vezes estando o número já levemente apagado), identificando apenas o seu número no conjunto de todas os desenhos – assim, a tábua de Socotorá está identificada com um '15', a Aguada do Xequê com '16', por diante, até Toro com o número 28³². Uma outra numeração surge esporadicamente, também no canto inferior esquerdo da primeira metade do códice, a qual referiremos adiante. A comparação entre as diversas foliações pode ser vista no Quadro 1, no final.

No verso do fólho 26 encontra-se um interessante esboço da tábua de Chaul (fl. 16r). Este desenho abandonado levanta algumas ideias sobre o processo da cópia das tábuas. Um olhar atento revela-nos o contorno principal da costa e da restante mancha vegetal e topográfica feita a lápis, onde uma pequena parte (do lado oposto à fortaleza) foi já decalcada a tinta acastanhada (figura 6). Contudo, o desenho encontra-se invertido na horizontal, ou seja, rodado. Tal leva-nos a crer que a cópia era realizada por decalque, com a folha em branco por cima do desenho original, aproveitando a transparência do papel e o reflexo do contorno primitivo (talvez até por incidência de luz direta). Neste

30 Os fólhos numerados, no verso: 6, 14, 16, 18, 22, 24, 28, 30, 34, 38, 40, 42, 44, 45, 47, 49, 56, 58.

31 É ainda possível ver esta numeração nos fólhos 28 a 32 (numerados 30 a 34) e 40 a 58 (42 a 60).

32 Para além das mencionadas, as tábuas que ainda mantêm esta numeração são as seguintes: Portas do Estreito (18), Maçua (19), Arequa (23), Gigidi (26), Carmeal (27)

caso, o que poderá ter acontecido é que o copista começou a delinear a tábuca de Chaul a partir do verso do desenho original resultando no dito efeito espelhado, que foi abandonado ao dar-se conta de tal erro.



Figura 6

Tábua de Chaul, verso da mesma à contraluz e esboço espelhado abandonado.

Fonte: BGUC, Cofre 33, fls. 16r e 26v.

Do conjunto das tábuas conhecidas dos Roteiros de D. João de Castro, faltam ao códice da Biblioteca Geral apenas duas: a de 'Goa a Nova' e a da 'Costa de Adem até Moca' (esta apenas existente na Coleção d'Anville da Bibliothèque Nationale de France). Quanto à primeira, Armando Cortesão afirmava que a tábua, originalmente entre os fólios 3 e 5, teria sido arrancada e ver-se-iam «restos de papel com as côres de aguarela»; na edição fac-similada, Albuquerque corroborava a informação de que a tábua fora «selvaticamente arrancada», deixando claros vestígios disso³³. Num atento exame ao códice apenas notamos um recorte acidentado e restaurado, no lado da lombada, do fólio 4v, possivelmente o da tábua desaparecida³⁴.

A datação desta cópia não levanta dúvidas: trata-se de um manuscrito do terceiro quartel do século XVI³⁵. A legenda da tábua de Socotorá (fls. 31v-32r) apresenta uma escrita cortesã-humanística dos meados desse século, e que em nada se assemelha à letra do próprio D. João de Castro. Por outro lado, os navios presentes no *Roteiro do Mar Roxo*, em particular o perfil do galeão na tábua da Aguada do Xequê, com linha mais avançada, aponta-nos para a década, aproximada, de 1560, conforme parecer de José Virgílio Pissarra³⁶. Como veremos, tal coaduna-se

33 Luís de Albuquerque – *Tábuas dos Roteiros da Índia...*, cit., p. 8.

34 Admitimos, como forte hipótese, que talvez um dos primeiros fólios em branco, removido depois de 1988, tenha sido utilizado para consolidar o fólio rasgado. Infelizmente, a falta de dados quanto à extensão do restauro efetuado impede-nos de confirmar esta ideia.

35 Saul António Gomes apontou a datação do manuscrito para o segundo terço do século XVI – Manuscritos iluminados quinhentistas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 7, 2007, p. 82.

36 José Virgílio Pissarra – *Portugal e o Desenvolvimento das Marinhas Oceânicas. O Galeão Português. 1518–1550*. Lisboa: Universidade de Lisboa 2016. Tese de doutoramento, pp. 221, 227 e 238. Veja-se também o que sobre este assunto diz Francisco Contento Domingues – *Os navios do Mar Oceano. Teoria e empiria na arquitectura naval portuguesa dos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 256-258.

com o detentor do manuscrito, sobre o qual nos debruçaremos adiante. Paralelamente, as marcas de água presentes no papel são características deste período (figura 7). Armando Cortesão identificou apenas uma («âncora dentro dum círculo, com estrêla»³⁷) mas, na realidade, o manuscrito possui duas marcas de água distintas, datáveis de c. 1505-1536 e 1534-1598, respetivamente³⁸. A primeira, dos fólios 2 a 30, correspondente ao *Roteiro de Goa a Diu*, é a mencionada anteriormente; já a segunda, dos fólios 31 a 58 (*Roteiro de Goa ao Suez*), mostra ser uma besta, encimada por uma flor-de-lis, que também surge em documentos desse mesmo século (respetivamente), conforme demonstram os vários levantamentos de marcas de água existentes³⁹. Parece-nos assim que esta nítida diferença no papel utilizado não pode ser mera coincidência, visto que divide perfeitamente os roteiros. Assim, estes podem ter sido realizados em momentos distintos, justificando as diferentes marcas de água.

37 Armando Cortesão – *Cartografia e Cartógrafos...*, cit., p. 180. Fontoura da Costa (na sua edição dos *Roteiros*, em 1940) e Luís de Albuquerque limitaram-se a seguir a avaliação de Cortesão nas suas respetivas edições dos roteiros.

38 Francis Rogers foi o único investigador a realçar as duas marcas de água no manuscrito: *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*, cit., p. 47. Para a datação, veja-se a nota seguinte.

39 Recorremos não apenas à obra clássica de Briquet (usada também por Cortesão e atualmente disponível online) mas também à recente base de dados online Bernstein (<https://www.memoryofpaper.eu>), que confirma esta datação a partir de dezenas de marcas de água deste tipo identificadas para o período. Da primeira cf. Charles Moisa Briquet – *Les filigranes. Dictionnaire historique des marques du papier*. Genève: A. Jullien, 1907, 4 vols, para a âncora vejam-se as marcas n.º 489 (1505/1508) e 492 (1522/1536) e para a besta a n.º 762 (1534/1598).



Figura 7

Marcas de água existentes no códice. Fonte: BGUC, Cofre 33.

Por sua vez, como referido, as tábuas do *Roteiro de Goa a Diu* possuem pontualmente, em alguns fólios, pequenas numerações, em letra antiga (mas dificilmente datável), nos cantos inferiores esquerdos (talvez a numeração dos cadernos originais), do lado reto, a tinta, que deixam de existir no segundo roteiro (*do Mar Roxo*), reforçando a ideia de que não terão sido esboçados de uma só vez⁴⁰. Contudo, foram encadernados no mesmo período, visto que o primeiro fólio do códice possui a marca de água característica do segundo roteiro, e o último fólio a do primeiro, certamente resultante do processo de junção dos dois manuscritos.

Quanto à autoria dos desenhos, não estamos certos de que tenha sido apenas uma mão a traçar todas as tábuas, podendo cada roteiro ter sido feito por um copista diferente, visto que há algumas diferenças entre estes. Exemplifiquemos. Ao contrário do que acontece nas outras cópias destes roteiros, em vez de uma rosa dos ventos com linhas de rumos, todos os desenhos de Coimbra possuem apenas uma singela linha Norte-Sul. No entanto, no primeiro *Roteiro* o Norte

⁴⁰ São visíveis nos fls. 5, 13, 18, 29.

está assinalado por uma flor-de-lis (de formato similar ao exemplar de Köpke) e no segundo por uma versão estilizada da mesma. Já a escrita do título de cada tábuas difere claramente entre cada metade do manuscrito. Nesse sentido, os desenhos do *Roteiro de Goa a Diu* são os únicos que seguem a mesma orientação e formulação do nome das tábuas do desaparecido manuscrito de Köpke, ao contrário das outras cópias que sobreviverem e que diferem sempre neste pormenor.

Quanto aos navios representados, aqueles que surgem na primeira metade do códice seguem o posicionamento do manuscrito perdido de Köpke; por sua vez, as embarcações da segunda metade foram livremente adaptadas pelo copista e algumas têm uma posição mais passiva do que nas cópias da British Library e da James Ford Bell Library, visto aí surgirem em algumas tábuas a disparar artilharia, mostrando a ação do movimento através das chamas e do fumo proveniente das bocas de fogo. Paralelamente, e ainda quanto ao *Roteiro do Mar Roxo*, nem o número dos navios nem a sua localização na cópia da Biblioteca Geral correspondem inteiramente a qualquer outro manuscrito existente. Neste sentido, a qualidade artística e técnica da representação dos navios, salientada por vários investigadores⁴¹, leva a crer que o copista da segunda metade do códice tinha conhecimentos avançados de marinharia⁴².

Assim, e apesar destas diferenças, cremos que o códice de Coimbra possa ter sido feito com base nos manuscritos mais antigos que conhecemos – o desaparecido de Köpke para o de Goa a Diu, e o da British Library para o de Goa ao Suez.

41 Sobre a representação das embarcações veja-se Frazão de Vasconcelos – Documentos iconográficos das caravelas, naus e galeões portugueses dos séculos XV e XVI. *Arquivo Histórico da Marinha*, Vol. 1, N.º 3, 1934, pp. 260-261; Francis Millet Rogers – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*, cit., pp. 48-49; bem como as referências dadas na nota 36.

42 Esta proposta foi avançada anteriormente por Francis Rogers – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter...*, cit., p. 49.

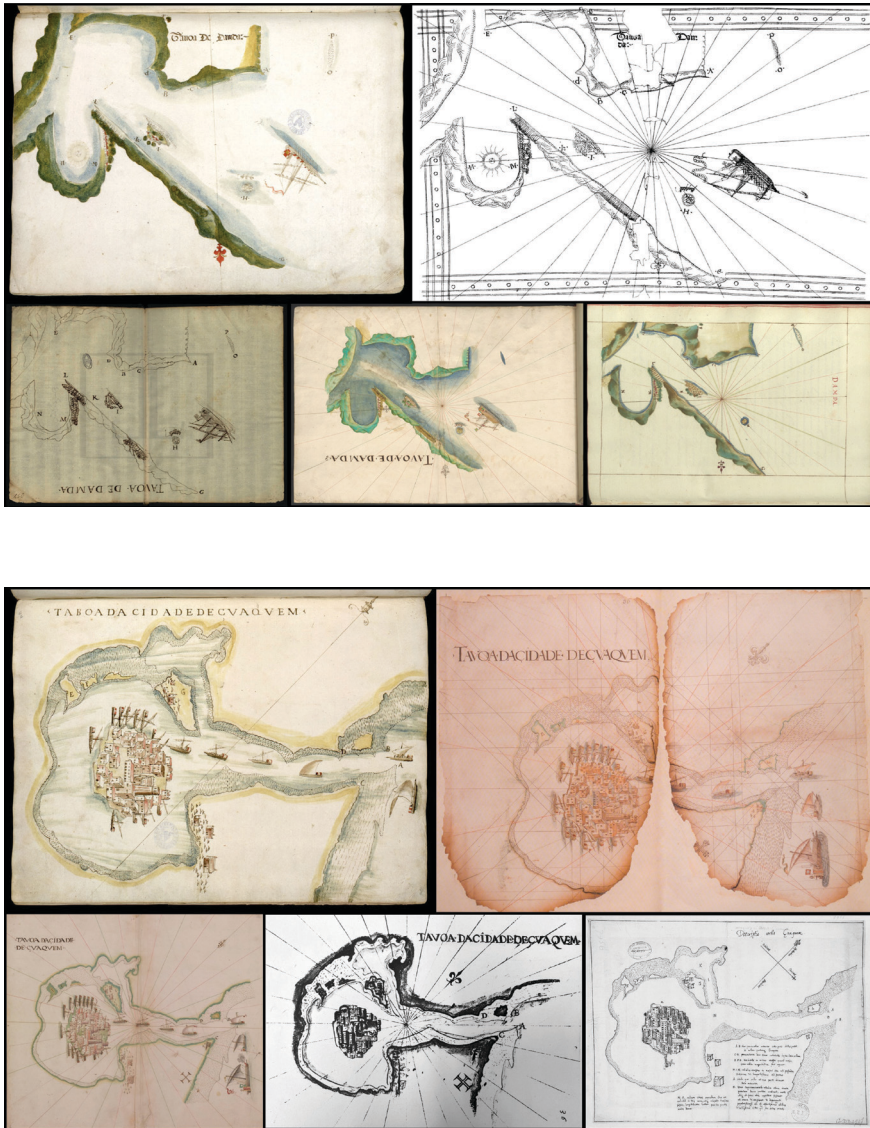


Figura 8 e 9

Comparação dos desenhos do códice de Coimbra com as respetivas cópias mais antigas.

Fonte: *Roteiro de Goa a Diu*, tábuas de danda, fila de cima: BGUC, Cofre 33, fl. 11r; Diogo Köpke (ed.) – *Primeiro roteiro...*, cit.; fila de baixo: ANTT, *Coleção São Vicente*, Livro 15, fl. 237; Österreichische Nationalbibliothek (Viena), Cod. Min. 41*; BNP, fl. 8033, fl.56v.

Roteiro do Mar Roxo, tábuas de Suaquem, fila de cima: BGUC, Cofre 33, fl. 42r; British Library (Londres), Cartographic Items Cotton MS. Tiberius d.IX; fila de baixo: James Ford Bell Library (University of Minnesota), TC Andersen Library, Bell 1541 fCA; Biblioteca dos Duques de Palmela, reprod. PMC, estampa 67C; Bibliothèque nationale de France (Paris), département Cartes et plans, GE DD-2987.

A divulgação do códice

Não obstante a sua atestada antiguidade, este códice passou despercebido até aos finais do século XIX, carecendo até de uma correta identificação. Prova do desconhecimento da sua autoria é a referência concreta ao códice, identificado apenas pelo seu título («Taboas dos lugares da Costa da Índia»), como sendo um in-fólio, num catálogo do depósito anexo inferior da Biblioteca (o piso térreo da antiga prisão académica), que deverá datar de c. 1860-1870⁴³. Os próprios catálogos mais antigos da Biblioteca, dos finais do século XVIII, não mencionam o manuscrito⁴⁴.

Para lá destas menções nos documentos da Universidade, a mais antiga alusão ao códice que lográmos encontrar é dada pela mão do oficial da marinha e lente da Escola Naval, João Brás de Oliveira (1851-1917), em 1885. Referia um «curioso livro de agoarellas existente na bibliotheca da Universidade de Coimbra, e que tem por titulo: Taboa d'alguns logares da costa da India, e que se attribue a um certo Diogo Barreiros, que não se sabe bem quem fosse porque á obra falta o texto; copiámos o desenho de varias caravellas, galleões e fustas portuguezas»⁴⁵. Note-se que o facto de o autor dizer que «se attribue» a autoria do códice a um Diogo Barreiros indica-nos uma informação que lhe fora possivelmente veiculada por um bibliotecário da instituição. Sobre o referido Diogo Barreiros, nada conseguimos apurar, e poder-se-á tratar de uma leitura errada do antigo possuidor do códice, sobre o qual falaremos adiante. Dois anos depois desta referência, noutra publicação, voltava a mencionar o códice «cujo

43 Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Cod. 3442 – *Catálogo do depósito anexo à Bibliotheca da Universidade. Litteratura, Historia, Geographia, Grammaticas e Dictionarios*.

44 Sobre estes catálogos, cf. A. E. Maia do Amaral (coord.) – *Os livros em sua ordem. Para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 63, 79, 81.

45 João Brás de Oliveira – *Algumas palavras acerca da Marinha Portuguesa: e da sua influência na prosperidade da Nação*. Lisboa: Typ. Sousa Neves, 1885, p. 26.

auctor não está bem averiguado o nome»⁴⁶. Paulatinamente Brás de Oliveira vai ligando os desenhos a D. João de Castro: em 1892 voltava a afirmar que se tratava de um documento de valor, «talvez o original, pintado a aguarella, do que serviu para a reprodução da taboa que vem gravada no roteiro de D. João de Castro, publicado no Porto, em 1843»⁴⁷ e voltados dois anos deixava implícito que os desenhos «parecem do mesmo auctor» dos roteiros⁴⁸. Repare-se que este erudito não apenas consultou o manuscrito de Coimbra, como também o utilizou como modelo de várias das suas afamadas ilustrações de navios do século XVI⁴⁹. Salta à vista, por exemplo, que o seu desenho de uma galé bastarda foi nitidamente inspirado pelo navio que surge na tábuca de Dabul, especialmente a zona da popa, conforme se vê na figura seguinte.

46 *Marinha Portuguesa*. Lisboa: David Corazzi Editor, 1887, Bibliotheca do Povo e das Escolas, vol. 19, n.º 149, p. 19; conformam notam as bibliografias de Brás de Oliveira, trata-se duma versão revista e aumentada do trabalho publicado em 1885.

47 Os Navios de Vasco da Gama. In *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892, p. 24 (menciona também o manuscrito na p. 21); note-se que este estudo foi publicado como separata autónoma desta edição e ainda nas *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Classe de Sciencias Moraes, Políticas e Bellas-Lettras*. Lisboa: Typographia da Academia, 1892, Nova serie - tomo VI, parte II, paginação autónoma.

48 Influência do Infante D. Henrique no progresso da marinha portuguesa. Navios e Armamentos. *Annaes do Club Militar Naval*, N.º especial - Commemoração do quinto centenario do Infante Dom Henrique, 1894, p. 77; este artigo, fruto de uma conferência proferida no Clube Militar Naval em 23 de Fevereiro de 1894, foi alvo de uma edição autónoma, no mesmo ano pela Imprensa Nacional; foi posteriormente reeditado, de forma abreviada, com título diferente ("Navios Portuguezes do tempo dos Descobrimentos e Conquistas") na *Revista Portuguesa Colonia e Maritima*, Primeiro Anno 1897-1898, Segundo Semestre, pp. 526-546; em 1928, Afonso Dornelas republicou parcialmente o texto, no *Elucidario Nobiliarchico. Revista de Historia e de Arte*, Vol. I, agosto 1928, N.º VIII, pp. 249-260; e em 1940 o Ministério da Marinha voltava a editar o estudo de Brás de Oliveira mas com o título «Os navios da Descoberta».

49 Brás de Oliveira apresentou os seus desenhos na mencionada conferência de 1894; os mesmos foram publicados, em escala reduzida, no seu artigo de 1897-1898 e incluídos na versão de Dornelas, em 1928, e amplamente divulgados na edição de 1940.



Figura 10

Fusta no Códice de Coimbra e desenhada por João Brás de Oliveira.

Fonte: BGUC, Cofre 33, fl. 9v; João Brás de Oliveira - *Os navios da Descoberta*, cit., pp.32-33.

Depois disso, apenas voltamos a encontrar menção ao códice numa relação de obras presentes na exposição comemorativa do quarto centenário da morte de Vasco da Gama, organizada pela Universidade na Biblioteca Geral, em 1924⁵⁰. Foi provavelmente nessa altura que Luciano Pereira da Silva identificou o manuscrito, tendo colocado uma nota no verso da capa onde o descreve como atlas «preciosíssimo», adjetivo também usado para o caracterizar no catálogo da referida exposição⁵¹. Note-se que uma fotografia (figura 11) desta exposição parece mostrar o códice aberto, meio levantado, na tábua de Diu, ao lado das restantes obras expostas.

50 Ernesto Donato – Vasco da Gama na Biblioteca Geral da Universidade. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 7, 1925, pp. 283-284. Albert Kammerer (1875-1951) considerava que a exposição de 1924 fora responsável por dar a conhecer o códice de Coimbra aos investigadores - *Le routier de dom Joam de Castro: l'exploration de la Mer Rouge par les Portugais en 1541*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1936, p. 15 e *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental*. Le Caire: Société Royale de Géographie d'Égypte, 1947, parte 1, p. 102

51 Pereira da Silva (1864-1926) iniciara a sua carreira docente na Universidade em 1889, mas apenas começou a dedicar-se ao estudo a História da Náutica e da Marinharia a partir de 1914 – cf. Luís de Albuquerque – Luciano Pereira da Silva. In Joel Serrão (ed.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 2002 (reimp.), vol. 5, pp. 580-581. Assim, esta nota deverá ter sido adicionada ao códice aquando da exposição de 1924. Atente-se que, não obstante o identificar, Pereira da Silva nunca mencionou este manuscrito nos seus escritos.

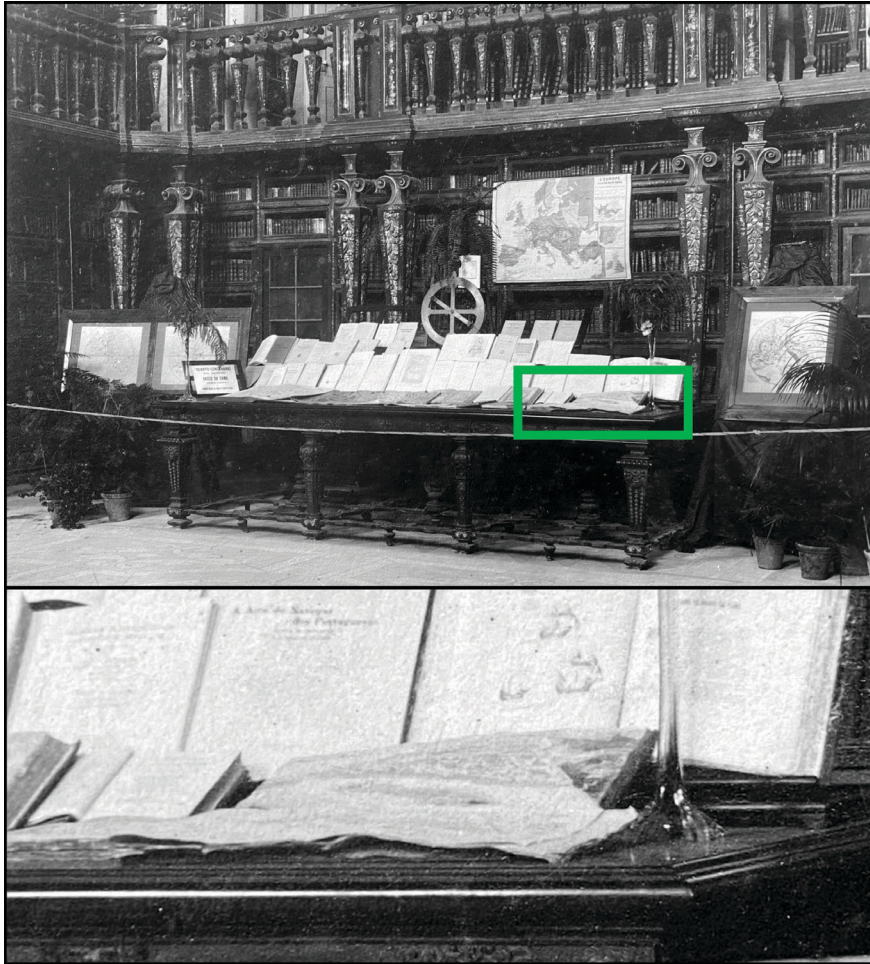


Figura 11

Fotografia de uma das mesas da exposição sobre Vasco da Gama, na Biblioteca Joanina (1924) onde se vislumbra o manuscrito das *Tábuas* (assinalado a verde) e pormenor da mesma. Fonte: BGUC, *Coleção Fotográfica*, 9 (1-2).

A exibição do manuscrito na Biblioteca da Escola Naval, em 1934, na exposição de roteiros portugueses organizada pelo Arquivo Histórico da Marinha, trouxe definitivamente esta cópia das 'Tábuas' para a ribalta. Fontoura da Costa, responsável pela conferência de abertura da exposição, dava então grande destaque à obra científica de Castro e incluía uma brevíssima descrição do códice na sua "Bibliografia dos Roteiros Portugueses até ao ano de 1700", publicada

nesse ano⁵². Uma notícia da imprensa da época salientava que «entre as mais notáveis relíquias expostas, figura um roteiro de D. João de Castro, manuscrito, executado e colorido por ele próprio com admirável perfeição»⁵³. Também Charles Boxer dava conta no mesmo ano, para o público internacional, que a exposição dera a conhecer «an unregistered version of Dom Joao de Castro's *Roteiro*»⁵⁴. Frazão de Vasconcelos chamava a atenção para o códice exposto em Lisboa, «até agora inédito» e analisava os galeões e as naus presentes na tábua da Aguada do Xequê, chegando a reproduzir, pela primeira vez, um pormenor deste manuscrito⁵⁵.

Uma descrição completa dos desenhos de Coimbra sairia dos prelos em 1935, pela pena de Armando Cortesão, na sua obra pioneira sobre a cartografia portuguesa. Descreve-o aí como um «valioso códice manuscrito iluminado»⁵⁶, identificando as tábuas existentes e uma das marcas de água. A informação que aí compilou viria a ser retificada e ampliada 25 anos depois no primeiro volume dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Desde então, o manuscrito de Coimbra passou a ser amplamente utilizado em diversos estudos e exibido como uma das preciosidades bibliográficas da Biblioteca da Universidade.

Origem e proveniência do códice

Desconhecem-se quer a origem do manuscrito, quer a sua história custodial e quando terá entrado nos fundos da Biblioteca Geral. As

52 Fontoura da Costa – “Este liuro he de rotear...” (conferência) e *Bibliografia dos roteiros portugueses até ao ano de 1700*. Lisboa: Arquivo História da Marinha, 1933, pp. 35-36, n.º 10M e 12M.

53 *Diário de Notícias*, 3 de janeiro de 1934; notícia de teor semelhante, publicada no jornal *O Século* (no mesmo dia), mencionava «O “Atlas” de D. João de Castro, pertença da Biblioteca da Universidade de Coimbra».

54 Charles Boxer – *Portuguese Roteiros, 1500-1700. Mariner's Mirror*, 20:2, 1934, p. 186.

55 Frazão de Vasconcelos – *Documentos iconográficos...*, cit.

56 *Cartografia e Cartógrafos...*, cit., vol. II, pp. 180, 182.

únicas marcas bibliográficas existentes são as resultantes da aposição de carimbos de pertença da Biblioteca: trinta e um deles com a antiga marca do mocho empoleirado num livro fechado (usado entre os séculos XVIII e XX⁵⁷) e uma mais recente, contendo um número de registo provavelmente já do século XX (fls. 1 e 5v). No primeiro fólio lê-se, a lápis, a cota (G 12)-G-16-15. Segundo fomos informados pelos serviços técnicos da Biblioteca, a primeira parte (G 12) deveria indicar a sua colocação no Gabinete n.º 12 da Biblioteca Joanina, onde se encontravam guardados os *Cimélios*, coleção na qual o códice foi inserido. A segunda letra G poderá referir-se à antiga forma de catalogação, seguindo a organização adotada no *Catálogo Metódico* de 1916, onde esta letra correspondia à coleção de manuscritos⁵⁸. Por baixo, foi também escrito, no mesmo período, “o reservado”, o que salienta o valor atribuído a esta obra. Ignoramos também quando é que estas identificações foram adicionadas a este fólio, mas poderão apenas ter sido colocados quando o manuscrito foi devidamente identificado por Luciano Pereira da Silva, na década de 1920, podendo também ter sido nesse momento que o mesmo foi movido para a secção dos tesouros da Biblioteca, onde se mantém desde então⁵⁹. Apesar desta carência de dados, a folha de rosto do manuscrito ajuda-nos a esclarecer a quem terá pertencido. Efetivamente, encontramos aí uma assinatura rasurada que nunca foi devidamente analisada. Lemos aí, em letra coeva do século XVI, o nome Gaspar Barreiros.

57 Cf. A. E. Maia do Amaral – Marcas bibliográficas da “Livraria da Universidade” (sécs. XVI-XXI). In A. E. Maia do Amaral (coord.) – *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 127-128.

58 Alves dos Santos – Novo catálogo metódico da Biblioteca da Universidade de Coimbra. *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Ano III, 1916, pp. 165-174.

59 Francis Rogers dava conta, em 1953, que o códice se encontrava «guardado no cofre das preciosidades da biblioteca» - *Dom João de Castro and his Red Sea Rutter*, cit., p. 47.

Trata-se do conhecido humanista da centúria de Quinhentos⁶⁰. Cónego na Sé de Viseu, estudou em Salamanca no final da década de 1520⁶¹ e foi posteriormente capelão da Casa do infante D. Henrique (irmão de D. João III), sendo provido no cargo de notário do Tribunal do Santo Ofício, em 1542⁶². Em Junho de 1546 partiu para Roma, em missão ao papa Paulo III, enviado pelo referido infante para agradecer o cardinalato atribuído no ano anterior⁶³. Aí residiu até regressar em 1549, recebendo então um canonicato na Sé de Évora e sendo nomeado inquisidor. Em 1560 rumou novamente a Roma, onde tomou votos como jesuíta, acabando posteriormente por envergar o hábito franciscano em 1562 (seguindo uma promessa antiga que fizera), e regressou ao Reino em 1564. Renunciou ao seu canonicato em favor do seu irmão, o Doutor Lopo de Barros e deixou também outros bens e benefícios ao seu sobrinho, seu homónimo e cónego em Viseu⁶⁴. Depois de lecionar nos conventos de Alenquer

60 A curta biografia que esboçamos é baseada nos poucos estudos dedicados a esta figura, e para eles remetemos na generalidade. Diogo Barbosa Machado continua a fornecer grande parte das informações ainda hoje utilizadas: *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Na officina de Ignacio Rodrigues, 1747, vol. 2, pp. 333-336; Justino Mendes de Almeida – Gaspar Barreiro. In António Alberto Banha de Andrade (dir.) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa: Editorial Resistência, 1983, vol. 2, pp. 190-193; Giuseppe Marcocci – Gaspar Barreiros. In Adriano Prosperi (dir.) – *Dizionario storico dell'Inquisizione*. Pisa: Edizioni della Normale, 2010, vol. 1, pp. 139-140;

61 Nada se sabe sobre o seu percurso em Salamanca: Joaquim Veríssimo Serrão – *Portugueses no Estudo de Salamanca*. Coimbra: s.e., 1962, pp. 229-230; sobre a sua ida para lá, vejam-se os documentos publicados por Manuel Lopes de Almeida – *Notas de História e Bibliografia*. I - Duas cartas referentes a Gaspar Barreiros. *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, ano 1, outubro-dezembro, N.º 4, pp. 277-282.

62 ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, liv. 146, fl. 72v e 73r – referido por Giuseppe Marcocci – *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XV)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 217 (note-se o lapso do autor, que erradamente identifica Barreiros como primo de João de Barros, em vez de sobrinho).

63 Escreveu uma carta ao Cabido da Sé de Viseu, a 11 de junho de 1546, dando conta da sua partida iminente para Roma: Arquivo Distrital de Viseu, *Cabido da Sé de Viseu*, Cx. 12, N.º 39.

64 Sobre os bens do seu sobrinho, vejam-se os documentos do Arquivo Distrital de Viseu, *Cabido da Sé de Viseu*, cx. 1 n.º. 47 e 62.

e Santarém, retirou-se, posteriormente, para a sua região natal de Viseu, e faleceu em 1574 no Convento Franciscano de Orgens.

Deixou uma obra considerável que tem sido paulatinamente redescoberta⁶⁵. Destacaremos somente o seu escrito mais famoso, publicado em Coimbra, em 1561: a *Chorografia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXVI começa[n]do na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia*, narrando a sua viagem de 1546, elaborado a pedido do seu tio, o famoso cronista João de Barros⁶⁶. Notemos também, a título de exemplo, que deixou uma genealogia manuscrita denominada *Verdadeira Nobreza ou Linhagens de Portugal*⁶⁷.

As dúvidas existentes se se trata de um homónimo do famoso humanista dissipam-se ao compararmos outros exemplares da sua assinatura. Estão catalogados, atualmente, uma vintena de livros pertencentes a esta figura quer na Biblioteca Nacional de Portugal quer na Biblioteca Pública de Évora⁶⁸. E todas estas obras possuem

65 Veja-se, por exemplo, o estudo de Marcocci e de Deswarte-Rosa, que demonstram a proximidade deste autor aos grandes círculos humanísticos deste período: Giuseppe Marcocci – Contro i falsari. Gaspar Barreiros censore di Annio da Viterbo. In Massimo Donattini (ed.) – *Tra Rinascimento e Controriforma. Continuità di una ricerca*. Verona: QuiEdit, 2012, pp. 187-213; Sylvie Deswarte-Rosa – Le voyage épigraphique de Mariangelo Accursio au Portugal, printemps 1527. In Maria Barbara e Karl A.E. Enekel (eds) – *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden/Boston: Brill, 2012, pp. 19-111.

66 Sobre a qualidade desta obra, vejam-se os seguintes estudos: Luís Filipe Barreto – Introdução à Chorografia de Gaspar Barreiros. *Clio - Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 5, 1984-1985, pp. 55-67; Américo da Costa Ramalho – Um humanista em viagem, Gaspar Barreiros (1546). In *Para a História do Humanismo em Portugal (IV)*. Lisboa: INCM, 2000, pp. 81-93; Suzanne Daveau – Gaspar Barreiros, lointain précurseur de la théorie des lieux centraux. *Finisterra*, vol. 15, n. 29, 1980, pp. 114-117 e da mesma autora A obra de Gaspar Barreiros. Alguns aspectos geográficos. *Revista da Faculdade de Letras*, N.º 27, 5.ª série, 2003, pp. 97-127.

67 Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa), cod. 985. Nesta linha, note-se que na carta dirigida a Damião de Góis, a 26-VII-1567, Gaspar Barreiros denotava um profundo conhecimento da genealogia: o original encontra-se na Biblioteca da Ajuda (Lisboa) e foi publicada por Joaquim de Vasconcelos – *Damião de Goes. No quarto centenário da Índia Portuguesa. VIII - Goesiana, novos estudos*. Porto: s. e., 1897, pp. 120-124.

68 Infelizmente, em virtude da Biblioteca Pública de Évora se encontrar encerrada para obras, não pudemos consultar os livros aí existentes, obtendo a informação

uma marca comum: a sua assinatura de posse, na folha de rosto ou na portada da obra em causa.

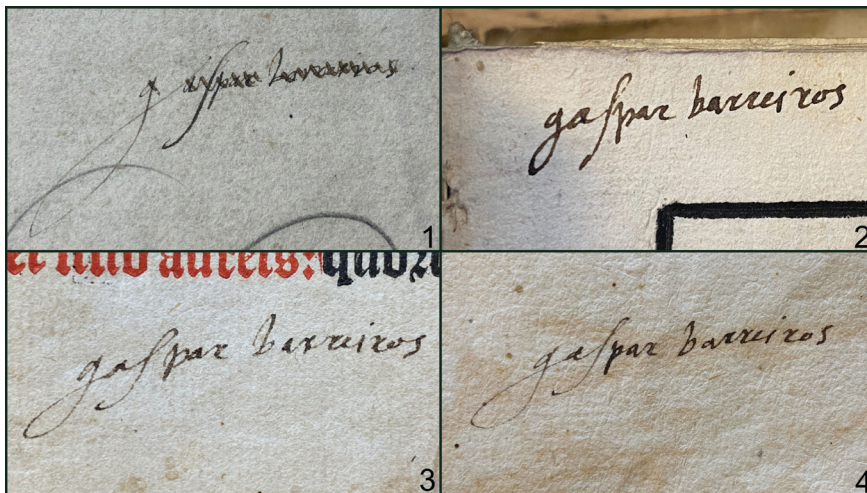


Figura 12

Comparação da assinatura de Gaspar Barreiros do códice de Coimbra com outros exemplares existentes na Biblioteca Nacional. Fonte: 1 - BGUC, Cofre 33, fl. 1r; 2 - BNP, RES. 1120//1 V; 3 - BNP, RES. 2906 P.; 4 - BNP, RES. 558 V.

Assim, parece-nos certo que Gaspar Barreiros terá sido o detentor do códice aqui em apreço, não sendo seguro se terá sido ele que terá encomendado uma cópia das tábuas (visto que desconhecemos se teria conhecimentos para replicar os desenhos) ou se terá obtido uma cópia já existente. A título de exemplo, veja-se que a comparação entre a caligrafia de Barreiros, presente no lastro documental que deixou, e a da legenda da tábua de Socotorá leva-nos a concluir que não se trata da mesma letra ou do mesmo autor⁶⁹. Para qualquer uma destas hipóteses, parece-nos haver duas prováveis fontes pela qual Barreiros possa ter tomado contacto com o original ou com

apenas a partir do catálogo bibliográfico da mesma. Recentemente, Sylvie Deswarte-Rosa analisou dois exemplares aí existentes que terão pertencido inicialmente a André de Resende, tendo depois transitado para as mãos de Barreiros – cf. nota 65.

69 Agradecemos a perícia de Pedro Pinto na avaliação da letra do manuscrito de Gaspar Barreiros.

uma cópia dos Roteiros. A primeira é familiar: Barreiros era, como dissemos, sobrinho materno de João de Barros (c. 1496-1570), cronista dos feitos portugueses na Ásia e feitor da Casa da Índia. Barros tinha acesso a todo o tipo de documentos reunidos nesse órgão central da administração do Império e sabemos que conhecia os Roteiros, visto mencioná-los na sua obra magna – as *Décadas da Ásia*⁷⁰. Sabemos que, no seu último ano de vida, Gaspar Barreiros recebera a incumbência de editar as obras manuscritas do tio (falecido em 1570), tarefa que não pôde levar a cabo pela sua abrupta morte. Poder-lhe-á ter chegado desta forma a possível cópia dos Roteiros do cronista já no seu fim de vida.

Contudo, uma pista talvez mais segura é a sua ligação ao Cardeal infante D. Henrique. Como referimos, Barreiros era próximo deste príncipe, que possuiu na sua biblioteca cópias dos roteiros de D. João de Castro. A cópia de Coimbra poderá assim ter sido baseada numa existente em Évora, adquirida antes da sua primeira viagem a Roma (em 1546) ou nos momentos em que sabemos ter estado no Reino (1549-1560 e 1564-1574). Talvez até tenham sido apenas copiadas as tábuas, sem o texto que as acompanhava, justificando assim que este manuscrito nunca o tenha tido. A única certeza que temos é que o manuscrito terá sido terminado antes de 1574, ano da morte do humanista. Assim, como vimos, a datação do códice proposta por José Virgílio Pissarra, para c. 1560, enquadra-se perfeitamente com o período de vida desta personalidade.

O facto de Gaspar Barreiros ter possuído uma cópia de dois dos Roteiros não é de estranhar. Efetivamente, sabemos que estas obras, manuscritas, circularam amplamente, logo a partir da sua redação. Conforme escreveu Damião de Góis, no seu *Livro de Linhagens*, D. João

70 João de Barros – *Ásia - Segunda Década*. Lisboa: INCM, 1988, I, VIII, c. 1, p. 359. Sobre a obra e as fontes de Barros, veja-se o artigo de Rui Loureiro – Revisitando as *Décadas da Ásia: Algumas observações sobre o projecto historiográfico de João de Barros*. *e-Spania* [em linha], 30 | juin 2018. [acedido a 15 de setembro de 2020]. Disponível na internet: <http://journals.openedition.org/e-spania/27836>.

de Castro fora «sempre muito pobre e muito lido»⁷¹. Para além do testemunho mencionado de João de Barros, que certamente possuía um exemplar, D. Teodósio, 4.º duque de Bragança, tinha um exemplar na sua biblioteca, no Paço de Vila Viçosa, conforme registado no seu inventário de bens, realizado na década de 1560: «hum livro em portuges de letra de pena de Dom João de Castro Viso rei que foi da India com algũas fortalezas debuxados de cores de folha grande em pasta»⁷² Alonso de Santa Cruz, cosmógrafo de Carlos V, recebeu uma cópia dos roteiros das mãos do próprio Castro, quando se conheceram em Lisboa, no início de 1545⁷³ e outros cosmógrafos castelhanos possuíam cópias, algumas até contrabandeadas para o reino vizinho⁷⁴. A obra era debatida nas aulas do Colégio de Santo Antão, em Lisboa, nos inícios do século XVII⁷⁵ e utilizada na cartografia do período, como vemos nos mapas de João Teixeira Albernaz. No seu atlas de 1630, indica nas legendas de alguns mapas que estes estavam «conforme o roteiro do vizorei Dom Joam de Castro»⁷⁶.

A atestada circulação dos manuscritos de D. João de Castro não explica por si mesma como o códice de Gaspar Barreiros chegou à Biblioteca da Universidade de Coimbra. Infelizmente, não subsiste nenhuma informação relativamente ao percurso da obra, nem existe

71 Damião de Góis – *Livro de Linhagens de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, 2014, p. 273.

72 Jessica Hallett, Maria de Jesus Monge, Nuno Senos (coord.) – *De todas as partes do Mundo. O património do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I*. Volume 2: *Documentos*. Lisboa: CHAM, Fundação da Casa de Bragança, 2018, p. 247.

73 O testemunho de Santa Cruz é categórico, afirmando «de los cuales libros [os roteiros] me dio [D. João de Castro] el traslado»: cf. o excerto no artigo de José Manuel García – D. João de Castro: um homem de guerra e ciência, cit., p. 47.

74 Veja-se as referências em *OCDJC*, 1, p. 115 e em Luís de Albuquerque – A projecção da Náutica Portuguesa Quinhentista na Europa. In *Estudos de História*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1974, vol. I, pp. 210-211.

75 *OCDJC*, 1, p. 116.

76 Trata-se da representação da costa do Norte da atual Índia, e do golfo de Cambaia, e das cartas do Mar Vermelho – Library of Congress, Geography and Map Division Washington, D.C. 20540-4650 USA dcu, *Taboas Geraes de toda a Navegação de João Teixeira Albernaz*.

qualquer identificação deste ter pertencido a nenhuma biblioteca, quer universitária quer religiosa ou privada. Uma hipótese de trabalho leva-nos a propor que poderá ter estado com outras obras pertencentes a Barreiros, na livraria da antiga Universidade de Évora. Efetivamente, grande parte das obras que sabemos terem pertencido a este humanista, existentes atualmente na Biblioteca Pública de Évora e na Biblioteca Nacional de Portugal, devem ter sido integradas na biblioteca da dita Universidade pois algumas possuem a anotação «Do Colégio de Évora». As obras que pudemos consultar na Biblioteca Nacional possuem, com ligeiras variantes, a mesma rubrica, da mesma mão, de censura: «non prohibetur tuto lege», seguindo da indicação do ano e mês, todas entre agosto de 1573 e abril de 1575. Estas marcas podem ter sido acrescentadas aquando da entrada do espólio na universidade ou aquando da vistoria anual da biblioteca universitária, realizada no Verão, preconizada nos estatutos da instituição de c. 1563⁷⁷.

Assim, a crer nesta hipótese, o códice teria chegado a Coimbra depois da extinção pombalina da instituição de Évora, quando a sua livraria foi confiscada pela Real Mesa Censória⁷⁸. Relembre-se que toda a documentação administrativa da extinta Universidade foi remetida para Coimbra, estando hoje à guarda do seu Arquivo.

Outra hipótese poderá estar relacionada com a incorporação das bibliotecas dos conventos e colégios de Coimbra, aquando da sua extinção no séc. XIX. Efetivamente, Barreto Feio dá-nos conta que os depósitos anexos eram constituídos maioritariamente por estas livrarias⁷⁹ e, conforme notámos, o manuscrito encontrava-se num destes depósitos

77 Jorge Peixoto – Considerações sobre o regulamento da livraria da Universidade de Évora. In separata de *A Cidade de Évora*, 1959, p. 18 e 23.

78 Sobre a dispersão da biblioteca de Évora, veja-se Sara Marques Pereira – A diáspora dos livros da antiga Universidade de Évora (1759-1806). In Francisco Lourenço Vaz e Sara Marques Pereira (eds.) – *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*. Lisboa: Chiado Editora, 2012, pp. 549-565.

79 Florencio Mago Barreto-Feio – *Memoria historica e descriptiva á cêrca da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e mais estabelecimentos annexos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1857, p. 39.

no final do século XIX. Contudo, só um estudo das proveniências e da política de aquisições dos fundos bibliográficos da Biblioteca Geral permitiria confirmar qualquer uma destas suposições. Realçemos, por fim, que pode ter existido alguma anotação ou marca visível da sua origem, entretanto desaparecidas aquando das suas múltiplas reencadernações.

Notas finais

Reconhecida a importância da obra científica de D. João de Castro, os manuscritos dos seus trabalhos possuem um valor incalculável. O códice de Coimbra é assim uma das preciosidades quinhentistas da Biblioteca Geral, quer pela fineza e qualidade do desenho, quer por comprovar a ampla circulação destas cópias. A identificação de Gaspar Barreiros enquanto possuidor do manuscrito demonstra suficientemente como a obra era conhecida nos círculos culturais portugueses da época e como era difundida. Já o estudo do suporte de escrita levantou questões sobre a autoria da cópia e sobre a encadernação dos dois conjuntos de desenhos. Certo de que não se trata de um manuscrito do punho de Castro, este será, no entanto, uma das mais antigas cópias existentes, datável do terceiro quartel do século XVI. O próprio copista de cada Roteiro poderá ter tido à sua frente os exemplares mais antigos destes textos.

Considerado como um dos 'tesouros' da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o códice das 'Tábuas da Índia' de D. João de Castro é um exemplo da riqueza do património bibliográfico desta instituição que merece ser preservado, estudado e divulgado. Contudo, este é um manuscrito que já ganhara considerável destaque em tempos passados. Outros encontram-se à guarda desta instituição secular e merecem tanto ou mais atenção do que aquela que aqui dispensámos a este reservado do cofre⁸⁰.

80 Para um panorama geral dos códices iluminados desta instituição, veja-se o artigo já mencionado de Saul António Gomes – Manuscritos Iluminados Quinhentistas... cit.

Quadro 1
Análise codicológica das 'Tábuas dos Roteiros da Índia'
da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Foliação Mais Antiga	Foliação ant. 1988	Foliação actual	Tábua	Ordenação das tábuas nos roteiros	Marca de Água e sua orientação	Observações
1	1	1	-		Besta com flor-de-lis ↑	r) Assinatura autógrafa de Gaspar Barreiras rasurada; cotas antigas: G 12 - G 16 15; identificação como «O Reservado»;
<i>Roteiro de Goa a Diu</i>						
		2			-	
8	5	3	r) Goa a Velha	2	-	
9	6	4	-		-	v) vestígios do fólio arrancado e da intervenção de restauro
10	7	5	-		Âncora com estrela ↓	r) carimbo da BGUC com número de registo (31497); número 6 (ou 9) no canto inferior esquerdo
11	8	6	r) Carapatam	3	-	
12	9	7	-		-	
13	10	8	r) Terra e baía de Ceitapor	4	Âncora com estrela ↓	
14	11	9	v) Dabul	8	Âncora com estrela ↓	
15	12	10	-		-	
16	13	11	r) Danda	13	-	r/v reforço da encadernação no topo entre fls. 11-12
17	14	12	-		Âncora com estrela ↑	r/v reforço da encadernação no topo entre fls. 11-12
18	15	13	-		-	r) número 8 no canto inferior esquerdo
19	16	14	r) Terra entre Danda e Chaul	14	Âncora com estrela ↓	
20	17	15	-		Âncora com estrela ↑	
21	18	16	r) Chaul	7	-	
22	19	17	-		-	
23	20	18	r) Cifardam	10	Âncora com estrela ↓	r) número 5 no canto inferior esquerdo
24	21	19	v) Baía de Cifardam com a terra que vai até Beiçaim	11	Âncora com estrela ↓	
25	22	20	-		-	
26	23	21	-		-	

27	24	22	r) Beiçoim	6	Âncora com estrela ↑	
28	25	23	-		-	
29	26	24	r) Enseada de Pero Soares	12	Âncora com estrela ↓	
30	27	25	v) Rio de Betele	5	-	
31	28	26	v) Esboço espelhado de Chaul		Âncora com estrela ↑	v) número 13 no canto superior direito
32	29	27	-		-	
33	30	28	r) Quelecim	9	Âncora com estrela ↑	
34	31	29	-		-	r) número 15 (riscando o número 9) no canto inferior esquerdo
35	32	30	r) Diu	15	Âncora com estrela ↑	
<i>Roteiro do Mar Roxo</i>						
36	33	31	v) Socotorá	1	Besta com flor-de-lis ↑	Remendado na metade inferior
37	34	32	r) Socotorá	1	Besta com flor-de-lis ↑	Remendado na metade inferior
38	35	33	v) Aguada do Xeque	2	Besta com flor-de-lis ↑	
39	36	34	r) Aguada do Xeque	2	-	
40	37	35	v) Porto de Calacea	3	Besta com flor-de-lis ↑	
41	38	36	-		-	
42	39	37	-		Besta com flor-de-lis ↑	
43	40	38	r) Portas do Estreito	4	-	
44	41	39	-		-	
45	42	40	r) Maçua	5	Besta com flor-de-lis ↓	
46	43	41	-		Besta com flor-de-lis ↑	
47	44	42	r) Suaquem	6	-	
48	45	43	-		Besta com flor-de-lis ↑	
49	46	44	r) Dradate	7	-	
50	47	45	r) Fuxa	8	-	
51	48	46	-		-	
52	49	47	r) Arequa ou Baía dos Agravados	9	Besta com flor-de-lis ↓	
53	50	48	-		-	
54	51	49	r) Farate	10	Besta com flor-de-lis ↓	
55	52	50	v) Quilfit	11	-	

56	53	51	-		Besta com flor-de-lis ↓	
57	54	52	-		Besta com flor-de-lis ↑	
58	55	53	r) Gigidi	12	-	
59	56	54	v) Xarméalcoemat	13	Besta com flor-de-lis ↑	
60	57	55	-		-	
61	58	56	r) Toro	14	Besta com flor-de-lis ↓	
62	59	57	-		-	
63	60	58	r) Suez	15	Besta com flor-de-lis ↓	
		59	-		Âncora com estrela ↓	

Abreviaturas: ant. – anterior; r – recto; v – verso.

Agradecimentos

Os serviços técnicos da Biblioteca Geral foram indispensáveis na elaboração deste estudo, facilitando o acesso ao manuscrito e aos antigos catálogos da Livraria. Agradecemos ao Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, diretor da instituição, por autorizar a consulta prolongada do códice, e particularmente às Dras. Isabel João Ramires e Maria José da Silva Pereira pelas valiosas pistas fornecidas e disponibilidade em analisar o códice, e ainda à Dra Raquel Dias pela atenção dispensada na Sala dos Reservados. Por sua vez, os serviços da Österreichische Nationalbibliothek, da British Library e da James Ford Bell Library (University of Minnesota) autorizaram a reprodução das suas respetivas cópias dos roteiros, pelo qual estamos agradecidos.

Somos também gratos, pela troca de referências bibliográficas, debate sobre o assunto e esclarecimento de algumas dúvidas, a José Pedro Paiva, José Virgílio Pissarra, Rui Loureiro, Pedro Pinto, Hélder Carvalhal, Bruno Lopes, Leonor Garcia, Sara Marques Pereira, Francisco Vaz Lourenço, Ricardo Vicente e Marta Santos. Ao Miguel Pacheco devemos o apoio dado na edição de algumas das imagens utilizadas.

Infelizmente, Francisco Contente Domingues, Professor Cate-drático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, faleceu quando este artigo já se encontrava terminado e aceite para publicação. Já não ficou a saber que as 'Tábuas' de Coimbra, que ele tanto apreciava, tinham pertencido a Gaspar Barreiros. Contudo, devo-lhe ainda um sentido agradecimento pelas referências dadas e pela sua constante disponibilidade. Por isso mesmo, este artigo é dedicado à sua memória.

Bibliografia

Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa)

Casa Real (CR), Núcleo Antigo, liv. 180.

Colecção São Vicente, Livro 15, fls. 180-248.

Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora, liv. 146.

Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)

Cod. 985, 8033, 6649.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Cofre 33, Tábuas dos Roteiros da Índia de D. João de Castro;

Cod. 3442 - *Catálogo do depósito anexo à Bibliotheca da Universidade. Litteratura, Historia, Geographia, Grammaticas e Dictionarios.*

Biblioteca Pública de Évora

Cod. CXV 1/24.

Arquivo Distrital de Viseu

Cabido da Sé de Viseu, Cx. 12, N.º 39; Cx. 1 n.º 47 e 62.

Bibliothèque nationale de France (Paris)

Département Cartes et plans, GE DD-2987

British Library (Londres)

Cartographic Items Cotton MS. Tiberius d.IX.

Library of Congress (Washington)

Geography and Map Division Washington, D.C. 20540-4650 USA dcu, *Taboas Geraes de toda a Navegação de João Teixeira Albernaz*.

James Ford Bell Library (University of Minnesota)

TC Andersen Library, Bell 1541 fCa.

Österreichische Nationalbibliothek (Viena)

Cod. Min. 41*.

Fontes Impressas

ALBUQUERQUE, Luís de – *Tábua dos Roteiros da Índia de D. João de Castro. Códice 33 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Lisboa : INAPA, 1988.

– *Roteiro do Mar Roxo de Dom João de Castro*. Lisboa : INAPA, 1991.

BARROS, João de – *Ásia – Segunda Década*. Lisboa : INCM, 1988.

CARVALHO, Antonio Nunes de (ed.) – *Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portuguezes no anno de 1541, partindo da nobre cidade de Goa atee Soez [...] por Dom loam de Castro*. Paris : vende-se em casa de Baudry e Theoph. Barrois, 1833.

CORTESÃO, Armando e ALBUQUERQUE, Luís de – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra : Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1972, vols. 1 e 2.

CORVO, João de Andrade (ed.) – *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro*. Lisboa : por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1882.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 3 de janeiro de 1934.

GÓIS, Damião de – *Livro de Linhagens de Portugal*. Lisboa : Instituto Português de Heráldica, 2014.

HALLETT, Jessica ; Monge, Maria de Jesus; SENOS, Nuno (coord.) – *De todas as partes do Mundo. O património do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I*. Volume 2: *Documentos*. Lisboa : CHAM, Fundação da Casa de Bragança, 2018.

KÖPKE, Diogo (ed.) – *Primeiro roteiro da costa da India desde Goa até Dio [...] por Dom João de Castro*. Porto : Typ. Commercial Portuense, 1843.

MACHADO, Diogo Barbosa – *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa : Na officina de Ignacio Rodrigues, 1747, vol. 2.

O SÉCULO. 3 de janeiro de 1934.

PURCHAS, Samuel – *His Pilgrimes in five books*. London : Printed by William Stansby, 1625, Second Part.

WALTER, Raleigh – *The Historie of the World in five books*. London : Printed for Walter Burre, 1614.

Estudos

ALBUQUERQUE, Luís de – D. João de Castro – Os Descobrimientos e o progresso científico em Portugal no século XVI. *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*. N.º 1 (1966), pp. 92-108.

– A projecção da Náutica Portuguesa Quinhentista na Europa. In *Estudos de História*. Coimbra : Por Ordem da Universidade, 1974. vol. 4, pp. 199-240.

– Luciano Pereira da Silva. In Serrão, Joel (ed.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto : Livraria Figueirinhas, 2002 (reimp). vol. 5, pp. 580-581.

ALMEIDA, Justino Mendes de – Gaspar Barreiro. In Andrade, António Alberto Banha de (dir.) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa : Editorial Resistência, 1983. vol. 2, pp. 190-193.

ALMEIDA, Manuel Lopes de – Notas de História e Bibliografia. I - Duas cartas referentes a Gaspar Barreiros. *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. A. 1, nº 4 (out./dez. 1955), pp. 277-282.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio de – O moderno D. João de Castro. in *O Século dos Prodigios. A Ciência no Portugal da Expansão*. Lisboa : Quetzal, 2018. pp. 183-207.

AMARAL, A. E. Maia do (coord.) – *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

AMARAL, A. E. Maia do (coord.) - *Os livros em sua ordem. Para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

AQUARONE, Jean-Baptiste – *D. João de Castro, gouverneur et vice-roi des Indes orientales, 1500-1548: contribution à l'histoire de la domination portugaise en Asie et à l'étude de l'astronautique, de la géographie et de l'humanisme au XVIe siècle*. Paris : Presses Universitaires de France, 1968, 2 vols.

BAJETTA, Carlo M. – Elizabeth I and Sir Walter Raleigh's Classics: The Case of Sophocles. In BIGLIAZZI, Silvia (ed) – *Oedipus at Colonus and King Lear: Classical and Early Modern Intersections*, *SKENÈ. Journal of Theatre and Drama Studies - Studies I*, n.º 2 (2019), pp. 61-85.

BARRETO, Luís Filipe – Introdução à Chorografia de Gaspar Barreiros. *Clio : revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. Vol. 5 (1984-1985), pp. 55-67.

BARRETO-FEIO, Florencio Mago – *Memoria historica e descriptiva á cêrca da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e mais estabelecimentos annexos*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1857.

- BOXER, Charles – Portuguese Roteiros, 1500-1700. *Mariner's Mirror*. 20:2 (1934), pp. 171-186.
- BRIQUET, Charles Moisa – *Les filigranes. Dictionnaire historique des marques du papier*. Genève : A. Jullien, 1907, 4 vols.
- CORTESÃO, Armando – *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (contribuição para um estudo completo)*. Lisboa : Seara Nova, 1935. vol. 2.
- CORTESÃO, Armando e MOTA, Avelino Teixeira da – *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa : Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960. vol. 1.
- COSTA, Fontoura da – “Este liuro he de rotear...” (conferência) e *Bibliografia dos roteiros portugueses até ao ano de 1700*. Lisboa : Arquivo História da Marinha, 1933.
- COSTA, José Francisco De Faria e COELHO, Maria Helena Da Cruz (coord.) – *A Universidade de Coimbra. O tangível e o intangível*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- DAVEAU, Suzanne – Gaspar Barreiros, lointain précurseur de la théorie des lieux centraux. *Finisterra*. Vol. 15, n. 29 (1980), pp. 114-117.
- A obra de Gaspar Barreiros. Alguns aspectos geográficos. *Revista da Faculdade de Letras*. 5.ª série, n.º 27 (2003), pp. 97-127.
- DESWARTE-ROSA, Sylvie – Le voyage épigraphique de Mariangelo Accursio au Portugal, printemps 1527. In BERBARA, Maria e ENENKEL, Karl A.E. (eds) – *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden/Boston : Brill, 2012. pp. 19-111.
- DOMINGUES, Francisco Contente – *Os navios do Mar Oceano. Teoria e empiria na arquitectura naval portuguesa dos séculos XVI e XVII*. Lisboa : Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.
- DONATO, Ernesto – Vasco da Gama na Biblioteca Geral da Universidade. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. 7 (1925), pp. 264-285.
- GARCIA, José Manuel – D. João de Castro: um homem de guerra e ciência. In PAULINO, Francisco Faria Paulino (coord.) – *Tapeçarias de D. João de Castro*. Lisboa : MNAA/CNCDP, 1995. pp. 13-48.
- *A Historiografia Portuguesa dos Descobrimentos e da Expansão (séculos XV a XVII). Autores, obras e especializações memoriais*. Porto: tese de doutoramento apresentada à FLUP, 2006, 2 vols.
- GOMES, Saul António – Manuscritos iluminados quinhentistas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. 7 (2007), pp. 69-110.
- HOOYKAAS, R. – Science in “Manueline style”. In CORTESÃO, Armando e ALBUQUERQUE, Luís de – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra : Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1976. vol. 4, pp. 231-426.
- KAMMERER, Albert – *Le routier de dom Joam de Castro: l'exploration de la Mer Rouge par les Portugais en 1541*. Paris : Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1936.

- *La Mer Rouge, l'Abysinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental*. Le Caire : Société Royale de Géographie d'Égypte, 1947. parte 1.
- LOUREIRO, Rui – Revisitando as Décadas da Ásia: Algumas observações sobre o projecto historiográfico de João de Barros. *e-Spania* [em linha], 30 | juin 2018. [acedido a 15 de setembro de 2020]. Disponível na internet: <http://journals.openedition.org/e-spania/27836>.
- Echoes from Antiquity in D. João de Castro's Maritime Rutters, *Res Antiquitatis*. 2ª serie, 2, 2020, pp. 84-103.
- MARCOCCI, Giuseppe – Gaspar Barreiros. In Prosperi, Adriano (dir.) – *Dizionario storico dell'Inquisizione*. Pisa : Edizioni della Normale, 2010. vol. 1, pp. 139-140.
- *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XV)*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- Contro i falsari. Gaspar Barreiros censore di Annio da Viterbo. In DONATTINI, Massimo (ed.) – *Tra Rinascimento e Controriforma. Continuità di una ricerca*. Verona : QuiEdit, 2012. pp. 187-213.
- OLIVEIRA, João Brás de – *Algumas palavras acerca da Marinha Portuguesa: e da sua influência na prosperidade da Nação*. Lisboa : Typ. Sousa Neves, 1885.
- *Marinha Portuguesa*. Lisboa : David Corazzi Editor, 1887, Bibliotheca do Povo e das Escolas, vol. 19, n.º 149.
- Os Navios de Vasco da Gama. In *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*. Lisboa : Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892.
- Influência do Infante D. Henrique no progresso da marinha portuguesa. Navios e Armamentos. *Annaes do Club Militar Naval*. N.º especial (1894) - Commemoração do quinto centenario do Infante Dom Henrique.
- Os navios da Descoberta. Lisboa : Ministério da Marinha, 1940.
- PEIXOTO, Jorge – Considerações sobre o regulamento da livraria da Universidade de Évora. In separata de *A Cidade de Évora*, 1959.
- PEREIRA, José Manuel Malhão – *Roteiros Portugueses, séculos XVI a XVIII*. Lisboa : Universidade de Lisboa, 2017. Tese de doutoramento.
- PEREIRA, Sara Marques – A diáspora dos livros da antiga Universidade de Évora (1759-1806). In VAZ; Francisco Lourenço e PEREIRA, Sara Marques (eds.) – *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*. Lisboa : Chiado Editora, 2012. pp. 549-565.
- PISSARRA, José Virgílio – *Portugal e o Desenvolvimento das Marinhas Oceânicas. O Galeão Português. 1518–1550*. Lisboa : Universidade de Lisboa, 2016. Tese de doutoramento.
- RAMALHO, Américo da Costa – Um humanista em viagem, Gaspar Barreiros (1546). In *Para a História do Humanismo em Portugal (IV)*. Lisboa : INCM, 2000. pp. 81-93.
- RIVARA, J.H. da Cunha – Roteiro da viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi à Índia no anno de 1538. *O Panorama: jornal litterário e instructivo*. Serie 2, vol. 2, n.º 67 (8 de abril 1843), pp. 110-111.

- ROGERS, Francis Millet – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*. Cambridge, Mass., 1953. Estudo inédito.
- SANCEAU, Elaine – *D. João de Castro*. Porto : Livraria Civilização, 1942.
- SANTOS, Alves dos – Novo catálogo metódico da Biblioteca da Universidade de Coimbra. *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Ano III (1916), pp. 165-174.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Portugueses no Estudo de Salamanca*. Coimbra : [s.n.], 1962.
- VASCONCELOS, Frazão de – Documentos iconográficos das caravelas, naus e galeões portugueses dos séculos XV e XVI. *Arquivo Histórico da Marinha*. Vol 1, n.º 3 (1934), pp. 260-261.
- VASCONCELOS, Joaquim de – *Damião de Goes. No quarto centenário da Índia Portuguesa. VIII - Goesiana, novos estudos*. Porto : [s. n.], 1897.
- VAZ, Francisco António Lourenço (coord.) – *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 2009.
- VAZ, João Pedro – *Campanhas do Prior do Crato, 1580-1589: entre reis e corsários pelo trono de Portugal*. Lisboa : Tribuna da História, 2005.